

CAMINHOS NARRATIVOS DOS RAPPERS DE BOA VISTA (RR)

Caminos narrativos de los raperos de Boa Vista (RR)

Narrative pathways of Boa Vista (RR) rappers

Edgar Jesus Figueira Borges¹

Leila Adriana Baptaglin^{2, 3}

RESUMO

O artigo analisa letras de rap escritas e gravadas por rappers residentes em Boa Vista (RR) para mapear quais narrativas utilizam para construir sua identidade perante o público ouvinte e colegas de atividade artística. A partir dos conceitos de identidade e narrativa, procura estabelecer o perfil e a temática dos compositores deste ritmo musical em Roraima.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Narrativa musical. Rap. Roraima.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Bacharel em Jornalismo e em Sociologia pela UFRR. E-mail: edgarjfborges@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. Mestre em Educação e Mestre em Patrimônio Cultural ambos pela UFSM. Especialista em Gestão Educacional-UFSM (2007-2008). Graduada em Desenho e Plásticas- Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (2006), Graduada em Desenho e Plásticas-Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora/pesquisadora do Curso de Artes Visuais/Licenciatura da Universidade Federal de Roraima. E-mail: leila.baptaglin@ufr.br.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Roraima, Reitoria. Avenida Capitão Ene Garcez - de 1985 ao fim - lado ímpar Aeroporto, CEP: 69310-000 - Boa Vista, RR – Brasil.



ABSTRACT

The aim of this article is to analyze rap lyrics written and recorded by rappers living in Boa Vista (RR), in order to chart what narratives they use to build their identity before their audience and fellow artistic community. Based on the concepts of identity and narrative, it seeks to set up a portrait and identify the thematics used by the composers of this music genre in Roraima.

KEYWORDS: Identity. Musical narrative. Rap. Roraima.

RESUMEN

El artículo analiza letras de rap escritas y grabadas por raperos residentes en Boa Vista (RR) para mapear cuáles narrativas utilizan para construir su identidad ante el público oyente y colegas de actividad artística. A partir de los conceptos de identidad y narrativa, busca establecer el perfil y la temática de los compositores de este ritmo musical en Roraima.

PALAVRAS CLAVE: Identidad. Narrativa musical. Rap. Roraima.

Recebido em: 26.03.2018. Aceito em: 18.04.2018.. Publicado em: 23.04.2018.

Introdução

As letras das músicas transmitem mensagens e contam histórias. Cada compositor tem o seu propósito ao colocar no papel ou na tela de um dispositivo eletrônico a letra que será complementada com uma melodia e depois será interpretada por ele mesmo ou por outras pessoas. Este propósito, esta intenção, pode ser lembrar um amor do passado ou elogiar o atual, evocar tempos vividos, falar de sonhos a atingir ou, entre tantas possibilidades, descrever o seu cotidiano (real ou imaginário), colocando-se como personagem da música.

É sobre estas intenções que falaremos neste texto. Para isso, vamos analisar parte do conteúdo de duas letras de Rap escritas por compositores radicados em Boa Vista, capital de Roraima. A intenção é mapear quais narrativas estes personagens, que muitas vezes também são intérpretes de suas composições, utilizam para construir sua identidade perante o público ouvinte.

Antes de abordar mais detalhadamente os conceitos de narrativa e identidade, falemos um pouco sobre o Rap: surgido nos anos 1970 como um dos tripés do Hip-hop - sendo os outros dois o grafite e a dança break -, esta manifestação cultural urbana estadunidense espalhou-se pelo mundo e é atualmente um dos principais gêneros musicais adotados para expressar-se pela, sobretudo, juventude. Aos intérpretes do gênero dá-se a denominação de rappers. Em Boa Vista, boa parte deles está integrado aos coletivos musicais Macu-X e Movimento Urbanus, que aglutinam grupos e cantores solo, promovem eventos, oficinas artísticas e desenvolvem ações que viabilizam a gravação e divulgação de músicas em plataformas físicas e digitais. No primeiro semestre de 2017, a título estatístico, havia pelo menos 20 rappers ligados ao coletivo Macu-X, conforme informações de seus articuladores.

As duas obras selecionadas para análise neste texto foram disponibilizadas pelos próprios criadores na plataforma

virtual de compartilhamento de música Soundcloud.com. Os trabalhos são intitulados "Aqui é rap" e "Grana na mão". A primeira música foi disponibilizada em fevereiro de 2017, tendo como compositores e intérpretes os rappers 7niggaz, Mc Frank, Space e Perseu. "Grana na mão" foi gravada em agosto de 2015 por 7Níggaz, Sara e o grupo 1000 Trutas, formado pelos MCs Tatá e Chorão.

Nas duas músicas predomina o uso da primeira pessoa do singular. Isto é, os intérpretes falam de si e apresentam-se como personagens principais das situações descritas. Além disso, abordam situações do cotidiano e colocam referências a vivências compartilhadas pelo grupo social aos quais pertencem. Ou seja, apresentam narrativas aparentemente construídas a partir de suas experiências pessoais.

Se considerarmos o conteúdo de cada letra como uma história, teremos nelas o que pode ser considerado como narrativas de vida ou de experiências vividas. Assim, surge também a possibilidade de considerar cada rapper

como um narrador, ou seja, aquele que conta o que já viveu em sua jornada. Conforme Sarlo (2007, p. 24), "a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração". A partir de composições que organizam suas experiências, cada rapper constrói sua história, consolida-se sujeito perante seus pares, grupo e/ou público.

Uma das características do Rap é a ênfase na oralidade. Apesar de inicialmente podermos afirmar que não haveria como ser diferente, visto que as letras precisam ser vocalizadas para concretizar-se como música, devemos também atentar para duas situações: há o Rap surgido após um processo (lento ou rápido) que implica pensar e escrever verso a verso a letra inteira e há Raps que são improvisados e apresentados nas batalhas de MCs, nas quais o vencedor é aquele que melhor e mais rapidamente consegue articular "ataques" e "defesas" em vários "rounds", abordando temáticas

estabelecidas previamente, sem repetir frases usadas anteriormente na batalha, a menos que isso seja parte das regras. Aqui temos um paralelo com a tradição dos músicos violeiros repentistas, que fazem suas apresentações de forma semelhante.

Voltando às batalhas de Rap: enquanto acontecem, os MCs não têm condições de sentar e escrever calmamente a letra que apresentam: ela deve surgir imediatamente, sendo mais criativa e impactante quanto maior for a habilidade e o repertório de palavras de cada rapper. Sua existência é fugaz e dura o tempo que demora a chegar a réplica ou tréplica do outro. Ainda sobre a oralidade no Rap, é importante destacar que a rima exerce importante função na musicalidade e que as letras já surgem com o autor vislumbrando como as interpretará para o público.

Em cada narrativa, improvisada para a batalha contra outro MC ou bem pensada antes de ser escrita com o futuro fim de ser gravada, além de definir como a letra do Rap será interpretada, o rapper escolhe também o que a letra dirá. Essa

escolha do que abordar ou não em uma apresentação faz parte do processo de seleção de memórias a serem destacadas perante os outros, ato muito comum na construção das identidades individuais e coletivas.

Narrativa no Rap

Toda narrativa é feita com base em memórias, próprias ou transmitidas por outros, mas isso não se traduz numa exatidão cartesiana do passado no momento em que é expressa. A narração oral permite ao narrador (re)construir a sua identidade e imprimir sua subjetividade, tornando esquecer e lembrar um processo dialético (TEDESCO, 2004).

Enquanto imprime sua subjetividade, o narrador torna-se sujeito singular e diferencia-se assim dos outros que o rodeiam, elaborando e sendo elaborado por um processo que envolve vários elementos:

Inseparável uma da outra,
memória, temporalidade e

experiência se recriam cada vez que se põem a imaginar aquilo que aconteceu no passado. Ao contrário de Bergson, Janet chega a dizer que as recordações não têm data. A narração é uma construção literária (com alto grau de simbolização, imaginação, intenções subjetivas e signos) feita lentamente ou não (atualmente parece que anda mais rápido!) por meio de aperfeiçoamentos graduais, diz Valery.

O homem reescreve a história compartilhando os sentidos sobre a base de sua experiência, reestruturando os pensamentos que nutriu sobre algo, sobre objetos pessoais ou fatos do passado. Aquisição e expressão de memória, ou seja, a narrativa da recordação, produzem-se nas modificações do sentido, nas formas, momentos e (situ)ações de sua manifestação e absorção (TEDESCO, 2004, p. 119).

Sobre a essência da narrativa e sobre como esta se relaciona com o espetáculo de um show de Rap ou sua audição online, Langdon (1999, p. 20)

explica que, além de integrar o discurso humano e permear o discurso cotidiano, o ato de contar, também denominado evento de contar, “pode ser reservado para momentos especiais, marcado por contextos específicos, onde os membros do grupo se juntam para se comunicarem e se divertirem”.

O discurso contido nas letras de Rap e a apresentação do mesmo podem ser enquadrados como “performance”, um ato de comunicação que se distingue dos outros momentos da fala pela sua poética, que ressalta os modos de expressão e não o conteúdo das mesmas. Este ato pode ser dito performático e tem os seguintes elementos: 1) Display (a exibição em si). 2) Responsabilização (os atores assumem-se como competentes nas técnicas de falar e agir). 3) O momento em que os participantes avaliam se a performance pode ser considerada boa ou não. 4) Experiência em relevo (que transforma em essenciais para a experiência as emoções e prazeres suscitados pela performance). 5) Keying (a sinalização de que aquele momento se está rompendo o fluxo

normal da comunicação para iniciar a performance (LANGDON, 1999).

O discurso, a narrativa e a performance são partes de um todo que contribuem para a construção da identidade do narrador. Toda identidade tem como base a marcação da diferença, que se estabelece a partir de sistemas simbólicos de representação e de formas de exclusão social. Essas marcações são estabelecidas a partir de sistemas classificatórios, responsáveis pela apresentação das oposições e a produção de significados. A dicotomia entre "Nós" e "Eles", por exemplo, é uma destas oposições, com grande relevância no processo de construção social das identidades, que pode ser feita negativa ou positivamente, conforme as características que se quiser destacar a respeito de si e do outro. (WOODWARD, 2009).

Por estarem relacionadas, diferença e identidade são dependentes uma da outra, diz Silva (2009), acrescentando que afirmar a existência da primeira só faz sentido quando se compreende sua

relação com a segunda. Além dessa interdependência, as duas compartilham a característica de serem criações linguísticas. Isto destaca que não são naturais nem essenciais e que precisam ser nomeadas, por meio de atos de linguagem, para existir. Assim como não é uma essência ou um fato, a identidade também não é fixa, unificada, homogênea ou estável. Ao contrário, é um processo contínuo de produção, instável, fragmentado e nunca terminado que busca a fixação de si mesmo, mas não o consegue, pois é regido pela impossibilidade.

A identidade e a diferença têm que ser efetivamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas de um mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009, p.76).

Analisando o conceito de “identificação”, por considerá-lo mais adequado que “identidade” caso se trate de enfatizar a subjetivação em vez das práticas discursivas, Hall (2009) reforça que este é um processo contínuo. A identificação, afirma, não pode ser determinada, já que pode ser ganhada ou perdida, sustentada ou abandonada. O narrador, para voltar a falar diretamente dele, é e não é, está e não está, foi e não é mais. Cientes desse processo que nunca estanca e de sua fluidez, a partir de agora tentaremos descobrir em que posição do jogo das identidades estavam os rappers quando narraram suas histórias nas letras escolhidas para serem analisadas.

Percorrendo as músicas

Introduzidos os conceitos de narrativas, experiência, performance e identidade, partamos para a fase das análises de parte significativa das letras. Para simplificar o trabalho, consideramos como uno o grupo de participantes de cada gravação. Assim, em vez de tentar identificar quem canta cada trecho,

diremos que se trata de um narrador único em cada canção.

Antes de iniciar a análise dos trechos das letras “Grana na mão” e “Aqui é rap”, vejamos o perfil resumido de seus compositores: a maioria é do sexo masculino, mora na zona oeste de Boa Vista, a mais populosa da capital de Roraima, e têm entre 18 e 32 anos de idade, com tempo de carreira que vai de dois a 11 anos. O mais velho dos artistas é o MC Frank, com 32 anos de idade e 11 de trabalho. Já o mais jovem dos músicos é Perseu, com 18 anos de idade e 2 de atuação na área. No meio dessa cronologia estão 7Níggaz (27 de idade e 7 de Rap), e Space (20 de idade e 5 como músico). Não conseguimos obter informações sobre os músicos Tatá, Chorão e Sara (a respeito desta, soubemos que já não atua mais como rapper).

Resumidamente, “Grana na mão” descreve uma saída noturna para festejar, relembra fatos da noite passada, incluindo fugas e agressões policiais, e diz o que os

intérpretes fariam se tivessem recursos financeiros em fartura.

No começo da letra, o narrador, depois de dizer que espera ter uma noite tranquila em um bar que toca Rap, descreve cenas de violência urbana vividas no "ontem" de sua história e deixa entender que não ficou nada abalado. Podemos subentender daqui uma naturalização desse tipo de acontecimento, talvez pela repetição constante da situação. Também pode ser uma forma de valorizar-se perante quem ouve a história, minimizando o seu impacto para conquistar respeito e não ter abalada sua imagem pessoal.

A rua convida, a noite é fria mas hoje o clima vai esquentar
Debaixo de um clima tenso pra apaziguar vai ter Rap Bar
Na noite passada foi crime e treta
Gambé no pé, algema no pulso, coronhada, tiro pro alto
Fuga no beco, patada de urso
Mas isso foi ontem, hoje é hoje
Tô mudando de facção
Preto com grana não é playboy, é gangster e não ladrão

O refrão apresenta o título da música e denota uma atitude solidária em relação aos amigos, além de expressar a disposição para combater e denunciar desigualdades sociais e seus efeitos:

Grana na mão
Pro frevo e pra pagar a defesa dos irmãos
A intenção é construir poder paralelo pra aqueles que sempre foram o alvo dos inquéritos

Noutro trecho da música, explicita-se o desejo pela ascensão econômica ao mesmo tempo em que se chama a atenção para a necessidade de controlar o exibicionismo material. Além disso, mostra a disposição do narrador para compartilhar com os amigos suas riquezas materiais, caso as possuísse:

Enquanto houver saúde no dinheiro eu prospero
Não é ostentação
Ostentar é pros fracos
Pois todo mundo vai ver quando nós ser (sic) milionário
Os carros rebaixados com suspensão hidráulica
Se eu pudesse eu dava um pra cada mano da quebrada

Na sequência, a letra remete ao preconceito econômico e o narrador apresenta-se como um sobrevivente da exclusão social, apontando-se como pertencente à população de baixa renda.

Ver os neguinho dirigindo, dando volta na quadra
E ninguém perguntando se a carreta é emprestada
Quando uns acordar e ver que falta atitude
Aí tu vai ver um milhão de Robin Hood
Por enquanto eu tô aqui, sobrevivendo ao ódio
Da classe que não quer ver o gueto no pódio

Já a música “Aqui é Rap” traz o personagem-narrador em um ambiente de festa, contando que está usando alucinógenos, falando de seu estilo de vestir, lembrando que já foi detido pela polícia e depositando suas esperanças no rap como alternativa para ascensão social. Vamos à letra, iniciando pelos versos que indicam o uso da erva da maconha em grupo:

Fumaça vem, fumaça vai
Chapei o coco
Eu disparei na gargalhada, tô ficando bicho solto

Tô muito louco, dá mais um pouco

Na sequência, o narrador aponta que deseja conseguir uma companhia para o baile de Rap, diz como gostaria que fosse e aponta: deve ser descompromissada para evitar conflitos com parceiros ciumentos. O que poderia ser considerado como medo de encarar problemas é imediatamente derrubado: o letrista afirma que preza pela paz, mas que pode revidar a qualquer agressão. Ou seja, antes que o julguem como covarde, adianta que não tolerará desaforos nem fugirá de uma discussão. Os versos também podem ser tomados como um conselho, um alerta, aos ouvintes: certas ações e situações é melhor evitar. Aqui é interessante lembrar da descrição de Benjamim sobre qual seria a natureza da narrativa. Ele afirma que, para ser verdadeira, deve ter uma dimensão utilitária, que pode “consistir num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (2010, p. 200).

Eu tô de boa, vamos pra pista
Avisa que tem baile rap lá em Boa Vista
Eu quero uma menina bonita e gostosa
Só não pode ser casada
Casada fede a pólvora
Viver em harmonia é o que eu espero
Mas qualquer falta de respeito eu também trago o
meu brinquedo

O refrão da música é simples e direto, simplório à primeira vista, mas relendo-o com atenção, apresenta questões como pertencimento à cena do rap, aponta para uma coletividade que forma em torno do movimento musical e o orgulho que o narrador sente em fazer parte desse movimento cultural:

Aqui é rap, nós somos rap, é tudo rap, é tudo rap,
é tudo rap

Mais adiante, a letra localiza o narrador no meio do baile, feliz por estar ali, rodeado de mulheres bonitas, e explicando como o rap foi responsável pela aquisição de conhecimentos que, supostamente, não obteria no ensino tradicional. Além disso, aproveita para responder a quem tentou desvalorizar a

sua escolha artística, xingando-o de marginal:

Eu acho que o fim do arco-íris é aqui
Olha os tesouros, cada gata estilosa, só o ouro
Nos nem tem muita grana, mas nem precisa
Dixavando a bondade com a malícia
E se tem rap o resto vem naturalmente
Quem chamou de delinquente não foi inteligente
O meu QI elevou, evoluiu
O rap, som do século, que ensina mais que as
escolas do Brasil

Em seguida, situando-se no meio da madrugada, o narrador utiliza uma frase comum no meio do mundo do rap (“máximo respeito”) para demonstrar a maturidade emocional e a tranquilidade com que devem comportar-se os rappers. Apresenta-se também como um representante de sua comunidade, orgulhoso de sua linguagem e postura, mesmo quando enfrenta problemas com a polícia:

Deu três da madrugada, hora do uísque do gueto
É sempre assim, tranquilo, sempre no máximo
respeito
Representando o gueto desde o começo

Dialeto reto, concreto e certo
Sempre de cabeça erguida, sem ceder
Mesmo que por vacilo eu posso parar no DP

Na sequência, o narrador relembra como os policiais o abordaram por suspeitarem que estava consumindo drogas, explicita seu desconforto por ter sido levado à delegacia, mas fecha de forma esperançosa, depositando no rap (e obviamente em tudo o que lhe remete o mundo do Hip-hop) a esperança de encontrar nele a força que precisa para continuar enfrentando os desafios da vida:

Fui pego com um baseado um dia desses com os
parceiro
Eu fui parar lá no primeiro
Sentiram o cheiro, me fissuraram, voltaram,
Não me encontraram nada e quase me bateram
Cabeça feita, tranquilo, fiquei na minha e tal
Algemado, maior vergonha, fui bater de camburão
Essa é uma verdade que acontece com a gente
Mas somos rap, tudo rap e vamos em frente
Vamos em frente, vamos em frente

Caminhos e destinos

Após este rápido olhar aos textos, podemos perceber que todos possuem

temáticas (que podemos chamar também de categorias) em comum. A principal é a construção permanente da imagem do narrador perante seu público, dando foco à primeira pessoa do singular como elemento de contato entre quem conta e quem ouve e como forma de continuamente elaboraram-se enquanto sujeitos. Outro tema que se repete é o da valorização do companheirismo entre os personagens das histórias relatadas, ressaltando sempre a importância dos laços de amizade e de parcerias.

Percebemos que os narradores apontam também o desejo de obter grande destaque em seu trabalho como músicos, o que implicaria, além de maior reconhecimento social, benefícios financeiros.

Nas duas músicas encontramos alguns elementos em comum: o jovem que se destaca graças à opção por produzir rap, a menção a desafios e situações adversas superadas e a postura de autodenominar-se representante de sua comunidade.

Outro elemento presente é a importância que os narradores dão às boas performances no ato narrativo-musical. Como em certas culturas indígenas, quem se expressa melhor durante o ato performático tem mais facilidade para destacar-se entre outros narradores e tem mais poder (ou público e respeito, no caso dos narradores - artistas) (LANGDON, 2007).

As letras abordam o uso da maconha de várias formas: como elemento recreativo e de interação social com os amigos e parceiros, mas também como causador de problemas, fazendo com que um narrador seja levado para a delegacia de polícia por suspeita de estar consumindo a droga.

Além desses assuntos, há um elemento a mais que permeia todas as narrativas analisadas. Seja em menor ou maior destaque, os narradores expressam a sua determinação para superar adversidades e também a sua disposição para, através de suas atividades como músicos, representarem a sua camada social de origem, atuando como uma

espécie de porta-vozes de suas comunidades perante o restante da sociedade.

Das narrativas podemos extrair também que seus autores apresentam reflexões sobre suas vidas e o cotidiano que os envolve. Estas reflexões, construídas a partir de suas subjetividades, isto é, suas consciências cultural e histórica, são resultados dos "conjuntos de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes" (ORTNER, 2007, p. 376).

Graças a estes conjuntos, os narradores conseguem questionar o mundo em que vivem, passando a elaborar a sua "agency", que viria a ser o seu posicionamento crítico perante a realidade em que se encontram e vislumbram. Essa temática próxima da realidade em que estão inseridos, utilizando uma linguagem direta e clara, permeada de gírias e jargões que facilitam a compreensão por parte de suas audiências, nos remete às categorias de narrador de Benjamin (2010), para quem

este fica dividido entre dois grupos: o daqueles que têm o que contar por ter viajado muito e o dos que merecem ser ouvidos por conhecer as histórias e tradições de seu país (Ou, no caso, o que acontece e se vive nas ruas de Boa Vista). O uso de gírias e jargões se encaixa naquilo que Wagner (2010) denomina como “dialetos de classes”, aquela linguagem que aproxima o narrador de seu público e fortalece o sentimento de pertencimento a um grupo.

Consideramos que as narrativas aqui analisadas são fruto das experiências vividas pelos rappers e fruto do que ouviram de seus companheiros nas áreas onde circulam. Com essa vivência, produzem letras-histórias que descrevem as situações passadas, contam o que houve e há com os outros integrantes de suas comunidades e tentam até fornecer conselhos sobre como comportar-se em diversas situações. Procuram, enfim, retratar um grupo social e reforçam um discurso de pertencimento a este, criado e fortalecido, sobretudo, pela música. Este processo, assim como a construção e

desconstrução das identidades, nunca se fecha em si, mas absorve elementos do exterior, os processa, descarta uns e destaca outros. O resultado: narrativas musicais que podem ser interpretadas de diversas formas, sendo uma delas a de jovens que buscam identificar-se e identificação. Parafraseando o poeta espanhol Antonio Machado, não há identidade fixa, se faz a identidade ao cantar.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2010.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

LANGDON, Ester Jean. **A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 12, p. 13-36, dez. 1999.

_____. Dialogicidade, Conflito e Memória na Etno-história dos Siona. In: FISCHMAN,

F; HARTMANN, L. (Org.). **Donos da Palavra: Autoria, Performance e Experiência em Narrativas Orais na América do Sul.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

ORTNER, B. Sherry. **Subjetividade e crítica cultural.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: n. 13, p. 375-405, dez. 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 1

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração.** Passo Fundo: UPF, Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.